

MAYRA SILVA/DIVULGAÇÃO/JC



Relançamento de *Semanário de Leo Pardo*, pela Estúdio Mar Edições, aconteceu no último mês de dezembro

no caderno de cultura do jornal Zero Hora e ficar muito interessado quando ele falava sobre esses livros do passado e que agora eram quase esquecidos”, diz. O editor do Estúdio Mar também foi seu aluno no curso de Letras.

Então, quando Cassio entrou em contato com Fischer, o professor logo se empolgou com a ideia. Em 2022, começaram as primeiras reuniões para decidir autores e seus livros a serem relançados. “Nas reuniões, percebemos que o José Paulino de Azurenhia se sobressaiu. Eu já tinha lido o *Estrychnina*, tinha lido as crônicas dele, um escritor negro, um dos fundadores do *Correio do Povo*, completamente esquecido. Essa é a figura que a gente tem que valorizar, recuperar a memória”, diz. O projeto é apoiado pela Lei Paulo Gustavo, via Secretaria de Cultura do Estado.

Para a reedição do *Semanário*

de *Leo Pardo*, publicado pela primeira vez em 1926, foi utilizado o exemplar disponível no setor de pesquisa da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Cada página foi fotografada para o trabalho de atualização ortográfica e composição das notas. Entretanto, uma das grandes dificuldades da pesquisa foi não ter conseguido acesso ao arquivo do jornal *Correio do Povo* para a pesquisa em edições anteriores a 1940. “Não só pelas outras crônicas, mas porque ele escrevia muitas reportagens, matérias... Nos primeiros anos eram só os três, então, deve ter muito texto dele ali, inclusive sobre questões políticas”, explica. Até o fechamento desta matéria, Alex de Cassio diz que nada mudou: a solicitação chegou até ao chefe de redação e não teve resposta. “Ainda vou tentar levar um exemplar e ver se alguém me recebe pessoalmente”,

reforça o editor.

Em 2025, a Mar Edições vai lançar um segundo volume de textos de Azurenhia. “Ainda não há uma data, mas ele deve ser lançado entre junho e agosto. As crônicas que tenho até agora vieram da Biblioteca Nacional, que tem no acervo uma coleção

incompleta do *Correio do Povo* do período 1899-1909”, diz Cassio. Além disso, o pesquisador também já solicitou ao Museu da Comunicação o microfilme da *Revista Litteraria*, que Azurenhia e seu amigo Aurélio Virissimo de Bittencourt criaram e circulou entre 1891 e 1892. “Esse conjunto

de materiais será suficiente para compor o livro”, diz.

Além dos livros, a programação vai incluir atividades em escolas municipais, a produção de um mini documentário e ações em locais do centro da cidade que o autor costumava frequentar.

## Uma Porto Alegre em transformação

Mas como era a Porto Alegre em que Azurenhia viveu, no final do século XIX e início do século XX? Para Alexandre Lazzari, Azurenhia foi um cronista de uma sociedade em transformação. “Porto Alegre era capital do novo estado republicano, e pensada como uma vitrine desse projeto, vista como destinada a ostentar a economia industrial, a pujança mercantil e a urbanização moderna. Com boa parte da população já oriunda da imigração europeia, a cidade se

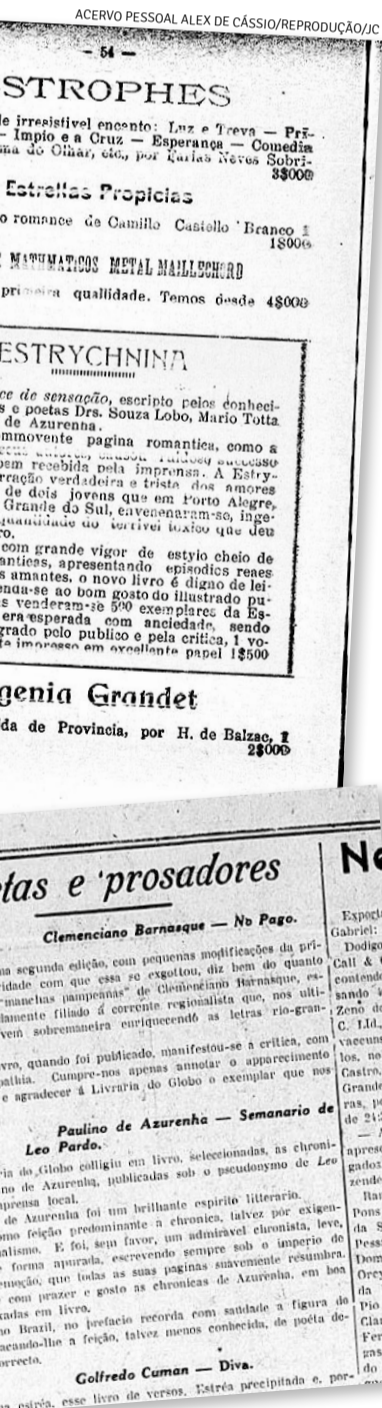
embranquecia e empurrava para a marginalidade de arrabaldes, becos e áreas baixas e alagadiças os trabalhadores negros da era pós-abolição”, diz.

José Antônio dos Santos fala sobre a importância de outros exemplos negros na vida de Azurenhia. “A imprensa negra, como o jornal *O Exemplo*, dentre outros, deixou largo registro de aprendizes de tipógrafos que ascenderam na profissão e se tornaram escritores e fundadores de seus próprios

jornais. Ainda durante a escravidão, por influência de abolicionistas negros como Luiz Gama e José do Patrocínio, muitos se utilizaram da educação como um dos principais meios de acesso à melhores postos de trabalho, assim como busca de respeito e integração social e política”, explica.

Em 1998, foi relançado uma nova edição do romance *Estrychnina*, escrito originalmente em 1897 por Azurenhia, Mario Totta e Souza Lobo. Na época, o professor

Luis Augusto Fischer foi o responsável pelo lançamento. Ele diz que o que o fascinou foi justamente o retrato de época na cidade. “Há cenas fascinantes, como, por exemplo, um passeio noturno de pessoas na praça da Alfândega, que recém experimentava o serviço de iluminação elétrica. Há o relato de uma viagem de bonde, ainda puxado a burros, desde o centro até um “distante” bairro, o Menino Deus, que igualmente me pareceu sensacional”, completa.



### Trecho de uma crônica que integra o *Semanário de Leo Pardo*, coletânea de crônicas de José Paulino de Azurenhia

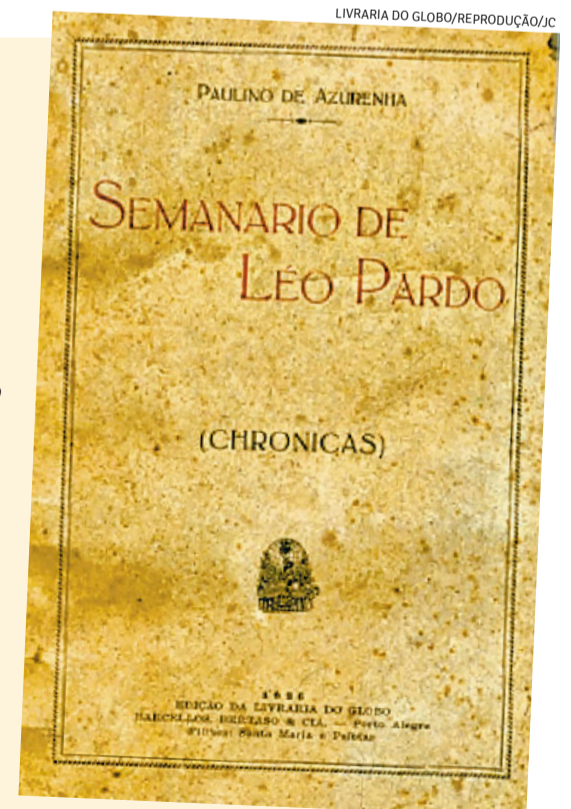
12 de agosto de 1905

*Cheia. A bacia do Guaíba de novo transborda. E não é só ela: todo o seu estuário, intumescido, regurgitando, extravasa.*

*É o majestoso Jacuí, que, como um senhor feudal, de tão longe vem, atravessando campos e vales, recebendo aqui a servidão de humildes arroios vilões, além o tributo de rios fortíssimos, quase tão poderosos como ele, mas que apressados, como o Taquari, descem dos seus castelos roqueiros, e lhe vêm ao encontro, na sua vagarosa passagem afim de lhe render preito de vassalagem e pagar páreas de tributário...*

*É o Cai, também das serras descido, porém com assomos de certa independência prosseguindo em seu caminho, desviando-se o mais possível dos territórios assenhoreados pelo seu poderoso rival, evitando assim ver-se coagido a prestar-lhe homenagem, e vindo assim, como pequeno mas arrogante senhor, diretamente trazer a sua pingue contribuição ao soberano comum...*

*E o dos Sinos, outro cioso da sua autonomia, como um mercador de comuna rica, sempre fugindo, com arte e manha a toda imposição e a toda espoliação: aqui torcendo, ali correndo, além parando e descansando e negociando junto a uma cidade, para logo depois continuar seu itinerário, cheio de surpresas e peripécias, de voltas e torcicolos, de ambages e circunlóquios, de rodeios e sinuosidades, e vindo, afinal, ao grande mercado despejar os seus odres e refazer os seus alforjes...*



Rafael Gloria é jornalista, mestre em Comunicação (Ufrgs) e editor do site Nonada Jornalismo.